

Ricardo L. Casiuch



AS COSTELAS DO ABISMO

A HISTÓRIA DO CAVALO REAL

Os mais influentes garanhões
do século XX na raça
Mangalarga Marchador

ESSENTIAL  IDEA

São Paulo – 2016

O cavalo, criatura-arte sem igual,
 voa sem possuir asas e
 conquista sem empunhar espadas.
 (Ronald Duncan)



Hotel Dubai Macaé
 www.hoteldubaimacaé.com.br
 Fones - 022-2105-8888
 Reservas - 0800-014.4040
 Macaé - RJ

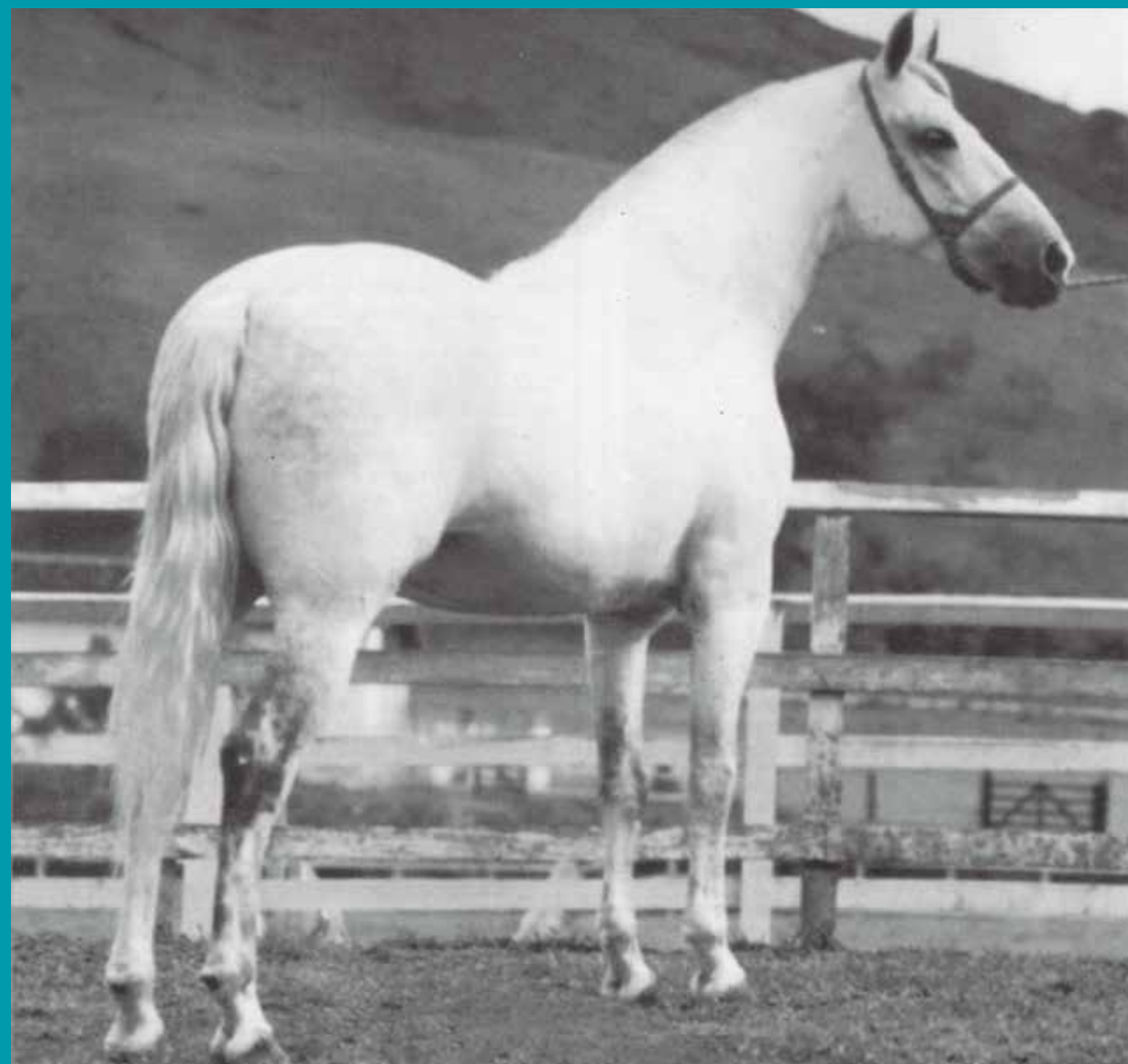


Ministério da
 Cultura



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
PRÓLOGO	7
PREFÁCIO	9
ORIGENS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR	13
ESBOÇO GENEALÓGICO DOS GENEARCAS FAMOSOS DO PASSADO	14
PELAS ESTRADAS E VALES DO SUL DE MINAS	17
A VEIA MASCULINA E SUAS LINHAGENS PILARES	19
I - Grupo FORTUNA I	20
II - Grupo JOIA DA CHAMUSCA	21
III - Grupo SUBLIME	22
IV - Grupo GREGÓRIO	23
V - Grupo TELEGRAMA VELHO	23
VI - Grupo ROSILHO/ABISMO	25
OS MAIS INFLUENTES GENEARCAS DO SÉCULO XX	37
RAÍZES	40
1) ANGAHY CAXIAS I	40
2) BELLINI JB	44
3) ANGAHY CAXIAS II	53
4) APOLLO "53"	61
5) RIO VERDE	77
6) BOTAFOGO "53"	81
7) PREDILETO VELHO DA TABATINGA	88
8) BALUARTE DO ENGENHO DE SERRA	91
9) CAPITEL SP	100
10) SARGENTO JB	120
TRONCOS	127
11) SETA CAXIAS	128
12) ABAÍBA ELDORADO	133
13) TRAITUBA SÁTYRO	139
14) HERDADE OURO PRETO	143
15) ABAÍBA NAIPE	150
16) TREVO DA GIRONDA	153
17) TABATINGA PREDILETO	165
18) HERDADE CADILLAC	172
19) SINCERO JB	188
20) ZINABRE DE PASSA TEMPO	200
RAMOS	207
21) PROVIDÊNCIA ITU	208
22) ABAÍBA MARENGO	215
23) BEIJO VELHO JB	222
24) TABATINGA COSSACO	243
25) HERDADE JUPIÁ	247
26) FARRAPO BELA CRUZ	255
27) HERDADE CAPRICHIO	261
28) IRAPURU BELA CRUZ	268
29) ABAÍBA GIM	273
30) MALIBU DA SANTA TEREZINHA	276
AS "COSTELAS DO ABISMO" E O RANKING ATUAL DO SÉCULO XXI	283
OS MESTRES DOS HIPÓLOGOS E AS "COSTELAS DO ABISMO"	291
EPÍLOGO	297
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	300



Esrauo da Sedução

APRESENTAÇÃO

A incumbência de apresentar uma obra que teve de seu idealizador uma dedicação incomensurável não é tarefa fácil. É o mesmo que dissertar para o pai as características e virtudes de seu filho.

O nosso escriba foi buscar nas mais longínquas terras mineiras e no seu grande conhecimento da história do Mangalarga Marchador informações de extrema relevância para qualquer criador, seja iniciante, seja já bastante informado sobre as raças, formas, formação e cruzamentos que nos levaram hoje ao nosso Mangalarga Marchador, um belo espécime, com temperamento espetacular de sela, bem formado zootecnicamente e com andamento inigualável no aspecto de conforto e rendimento.

O autor consultou várias bibliografias com diversos estudos sobre as origens da raça Mangalarga Marchador, trazendo para todos nós maior conhecimento conceitual, tendo o Barão de Alfenas como o grande iniciante da criação do Mangalarga Marchador.

Ao debruçarmos sobre o livro, temos, de um lado, as informações técnicas com riqueza de dados extremamente valiosos àqueles que desejam pesquisar e se aculturar sobre o Mangalarga Marchador, e, de outro lado, as histórias vividas por aqueles apaixonados por cavalos, como a do Fa-uacho Radical e inúmeras outras.

Parabéns, Ricardo, pela vasta pesquisa e parabéns aos criadores, que de agora para a frente terão a facilidade de consultar um livro que muito lhes servirá na orientação seletiva do nosso Mangalarga Machador.

Fazenda Parahy, março de 2015
José Arley Lima Costa

PRÓLOGO

O século XX encerrou-se há pouco mais de uma década, e ficou em nossa memória aquele momento inulgar.

Momento tão marcante, que buscaremos reproduzir inúmeras vezes em sua luz interior.

É a narrativa de um pequeno grupo de reprodutores de escol que está delimitada nestas páginas da história da raça Mangalarga Marchador, lote ainda em formação zootécnica, que nos permite realçar as influências e seus perfis.

Mas, afinal, o que é ser um **garanhão influente**?

Pelo que se depreende, ser influente é deixar rastros que o tempo não apagará jamais; que as pistas de julgamento não necessitem valorizar com premiações diretas; ou, ainda, que se perceba claramente entre seus descendentes detalhes marcantes e compartilhados de morfologia e andamento.

Ser influente não é ser Campeão Nacional de Raça ou de Marcha, mas é ser capaz de formar *sempre* uma progênie de altíssima qualidade ante o exigente Padrão Racial em voga.

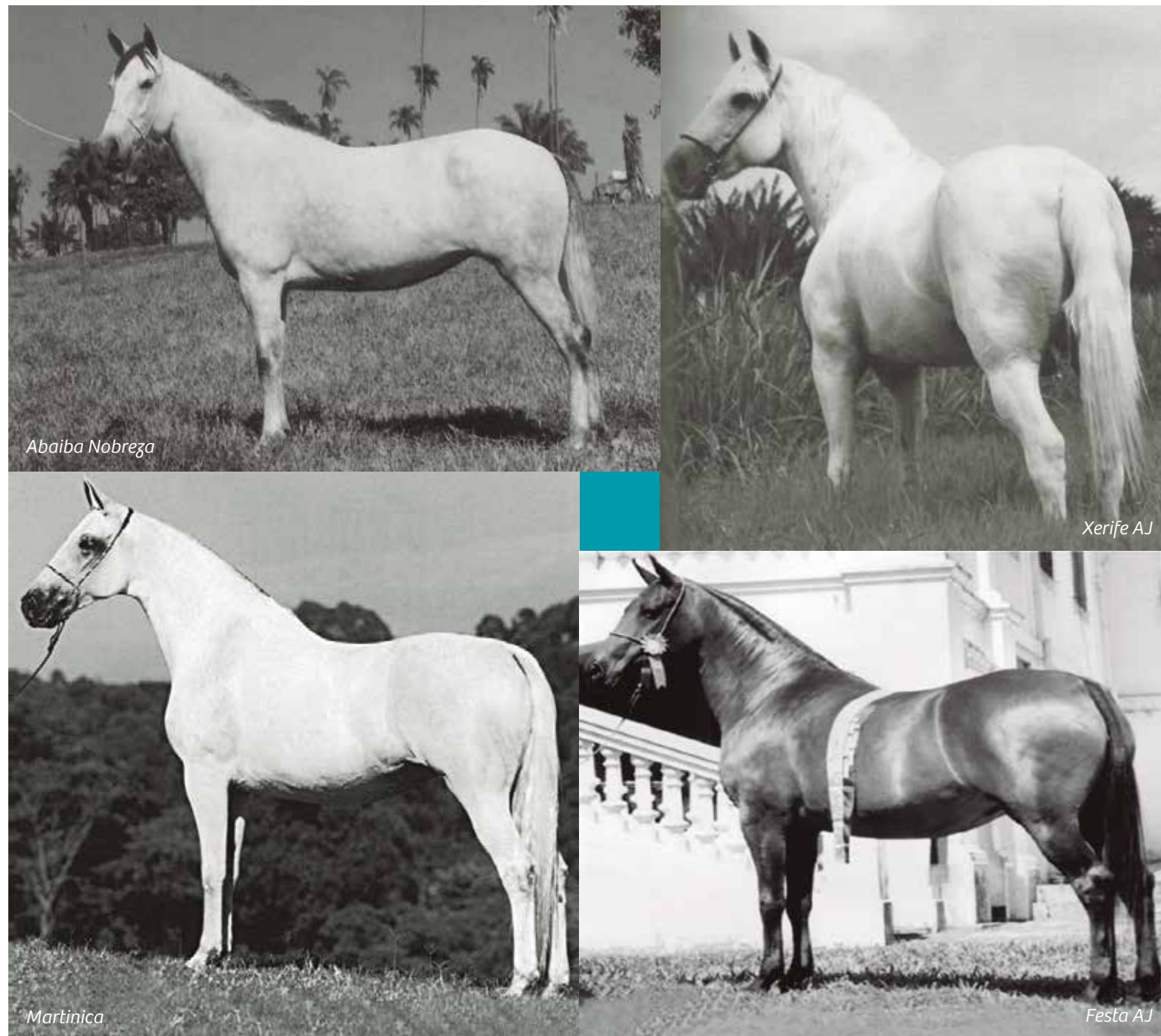
Neste trabalho, de resgate “alfarrábico”, elaborado com paciência, meticulosidade e profunda pesquisa, procuraremos juntos avaliar o grau de influência que os potros de hoje apresentam em relação aos sementais de outrora.

É, portanto, tarefa afeita para aqueles que leem o cavalo Mangalarga Marchador em suas mágicas entrelinhas.

É algo somente para apaixonados, para sensíveis e atentos apreciadores do “Real Cavallo do Brasil”, o Mangalarga Marchador.

Para minha família, pelo apoio e amor sem limites.

Ricardo L. Casiuch
Maio de 2015
Fazenda Campos do Pinhão
Pindamonhangaba, SP



PREFÁCIO

Com uma história que se confunde com o ciclo do ouro e a conquista do interior brasileiro, o Mangalarga Marchador é o fruto aprimorado de dois séculos de cruzamentos e sobreposições de raças. Do Alter Real, o andaluz melhorado nas coudelarias da Coroa portuguesa e trazido para a Colônia herda o pescoço levemente arqueado, o caráter nobre e a inteligência superior, típica dos melhores cavalos de sela; dos mestiços mineiros, descendentes dos primeiros cavalos ibéricos trazidos para a América, a musculatura vigorosa, a capacidade de adaptação às condições adversas e aquele que se tornaria seu diferencial primordial: a marcha, aperfeiçoada na dureza das trilhas íngremes e da topografia acidentada do ambiente Sul mineiro.

Desse andamento particularíssimo, combinado a uma proverbial resistência física – além de docilidade, inteligência e coragem –, decorrem as principais vantagens da raça brasileira como a conhecemos hoje, incluindo a comodidade e a confiabilidade. Foi esse conjunto de traços e atributos que começou a se delinear nas fazendas de Gabriel Francisco Junqueira e descendentes, no Sul mineiro. A seleção inicial, de caráter intuitivo, priorizava a resistência física, necessária às longas cavalgadas, a comodidade e a agilidade. O andamento aveludado e a postura altiva do Marchador já chamavam atenção fora de Minas Gerais no começo do século XX; mas só na década de 1940 os criadores se associaram para estabelecer e fazer valer padrões definidores da raça.

A criação da Associação Brasileira dos Criadores do Caval Mangalarga Marchador foi um passo fundamental para o fomento à expansão



Ariano Bela Cruz



Rima Apogeu



Laio da Maripá



Providência Regente

da raça e a afirmação de seus aspectos diferenciais, como as medidas e alinhamentos que garantem regularidade e comodidade à marcha. À profissionalização do sistema de registro genealógico, baseada na aplicação dos padrões, segue-se um avanço exponencial da população: em 1966, havia 2 mil equinos Mangalarga Marchador registrados no país; na década seguinte, o número quintuplicara; nos anos 1980, quando os registros chegavam a 100 mil, a raça já era a maior do Brasil.

Para a Agro Maripá, contribuir com o aperfeiçoamento do Mangalarga Marchador tem sido, mais do que uma missão, um enorme prazer. Em nossos criatórios, os esforços de seleção genética e as modernas tecnologias de zootecnia encontram uma paixão genuína pela raça. Além da consolidação de um cavalo brasileiro inteligente, versátil, de conformação física superior e temperamento dócil, nosso foco é experimentar e difundir o imenso potencial do MM em campos como o turismo equestre e os esportes hípicas, fecundos não apenas como negócio, mas também como atividades e formas de lazer que respondem à demanda crescente por aventura e comunhão com a natureza.

Para quem busca uma introdução sólida ao universo do cavalo brasileiro oficial, temos certeza de que será enriquecedora a leitura desta obra, da pena de um dos maiores especialistas no assunto – e nosso par na admiração pelo Mangalarga Marchador –, Ricardo Casiuch.

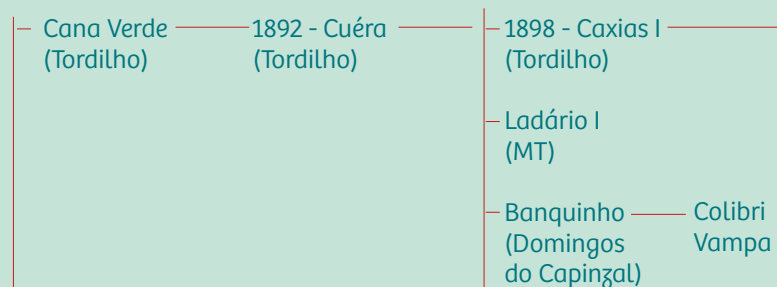
Marcelo Baptista de Oliveira
Agro Maripá



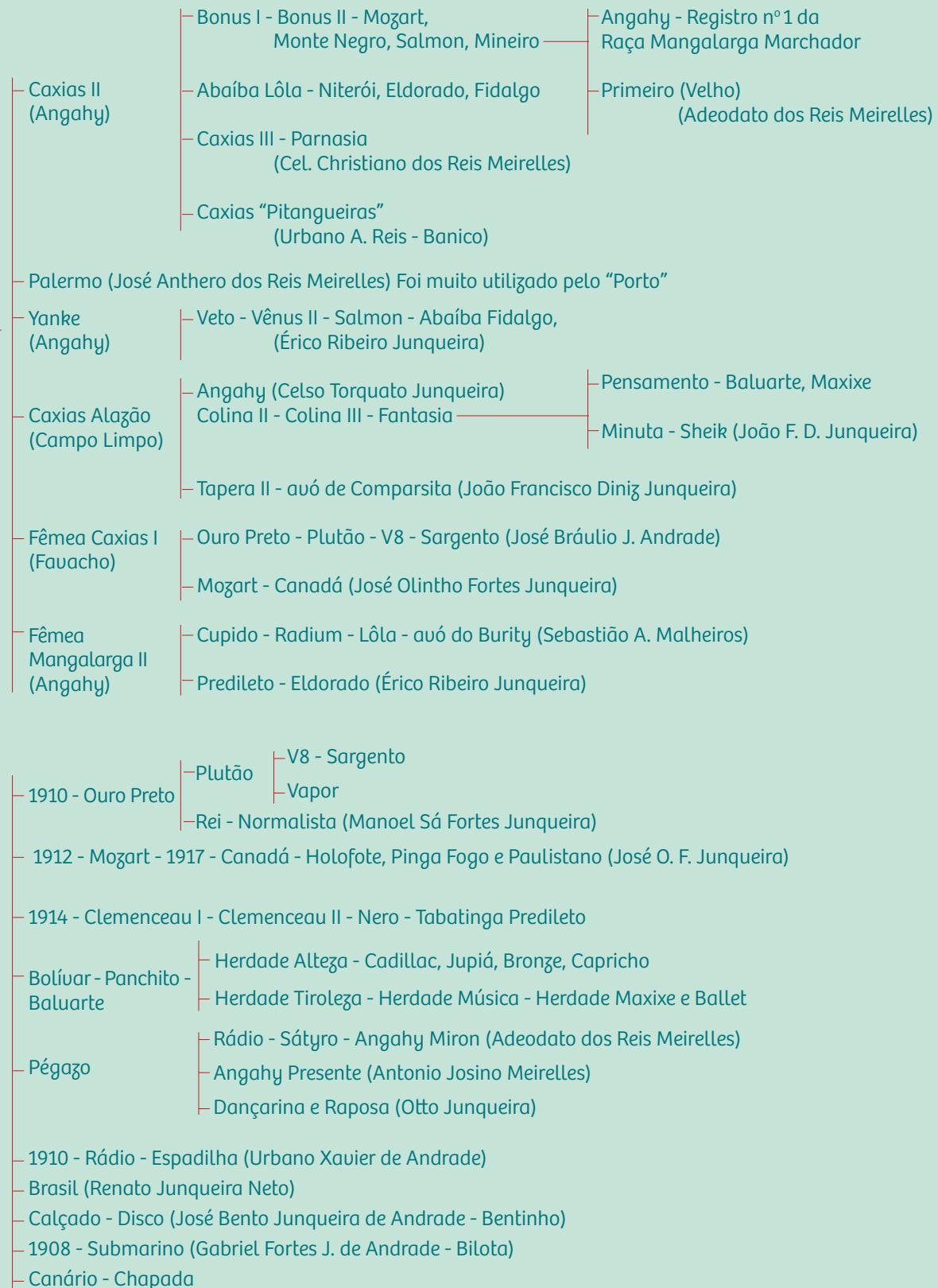
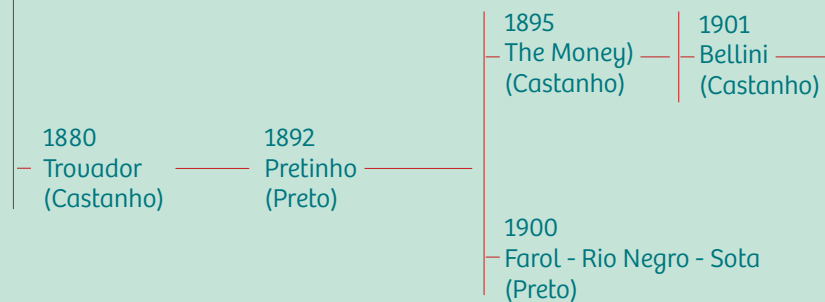
|
ORIGENS
DA RAÇA
MANGALARGA
MARCHADOR

ESBOÇO GENEALÓGICO DOS GENEARCAS FAMOSOS DO PASSADO

Elaborado por Carlos Roberto R. Meirelles
Batatais, SP



- **Abismo (Rosilho)**
(Fazenda Narciso)





ORIGENS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR

PELAS ESTRADAS E VALES DO SUL DE MINAS

A história da raça Mangalarga Marchador inicia-se bem antes do aparecimento do primeiro membro da Família Junqueira no Sul de Minas Gerais, pois sua origem está umbilicalmente ligada aos cavalos que povoaram, na Antiguidade, toda a região da Península Ibérica.

Aqui, todavia, nosso ponto de partida é a trajetória de um ilustre mineiro: Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas.

O pesquisador José Alípio Goulart descreve bem a importância do Barão de Alfenas no desenvolvimento e na própria denominação da raça Mangalarga:

“Com o Barão de Alfenas, pelos Caminhos de São Tomé das Letras e Cruzília

(...) Sublime foi o nome que a princípio lhe atribuíram em Minas Gerais. Depois, de tal maneira Gabriel Francisco Junqueira, Barão de Alfenas, ligou-se aos trabalhos de criação e desenvolvimento desta raça, que a mesma passou a ser denominada Junqueira, isso tanto em Minas Gerais como no Rio de Janeiro. Mas vejamos como contam alguns o surgimento do nome manga-larga.

Nos primórdios do século XIX, a raça Alter atingia seu máximo esplendor em Portugal porque, desde muito, tinha aquele país a firme preocupação de aprimorar suas estirpes cavалares, principalmente as de sua raça mais representativa. Quando a Corte portuguesa se transferiu para o Brasil, em 1808, os acompanhantes da comitiva real fizeram vir alguns cavalos para a colônia, sendo de presumir-se que tenham escolhido os mais dignos. Consta, segundo registra Hermsdorff (Zootecnia Especial-Equídeos, Rio de Janeiro, 1956), que o Príncipe D. Pedro, tendo comparecido ao porto do Rio de Janeiro para presenciar o desembarque de dois animais vindos do Reino, do primeiro disse Sua Alteza: “Que animal sublime!” – e com esse nome o batizou; do segundo, notando que os membros posteriores apoiavam-se além dos anteriores, no andar, comentou: “Que mangas largas tem esse animal!” – E manga-larga passou a se chamar o cavalo que merecera aquela observação. Daí a confusão inicial dos dois nomes.

Outra versão é a que liga intimamente o nome do Barão de Alfenas à criação de cavalos manga-largas. Consta-se que esse nobre adquiriu um potro, em 1812, na cidade de Barbacena, no estado de Minas Gerais, batizando-o com o nome de Manga-Larga devido ao seu andar rasgado e amplo. De posse do animal, levou-o para sua Fazenda Campo Alegre, situada na Comarca de Baependi, naquele estado, e o animal, parecendo ter alta porcentagem da raça Alter, revelou-se excelente raçador, formando a magnífica estirpe que tomou seu nome. O hipólogo Diogo Branco Ribeiro concorda apenas

quanto ao criador e conta o fato do seguinte modo. Diz ele que o cavalo manga-larga "(...) teve seu berço na propriedade do Barão de Alfenas, denominada Fazenda do Atalho, localizada no município de Três Corações, em Minas Gerais, pela intromissão das raças ibéricas Alter e Andaluz, enviadas por D. João VI ao Barão, em 1812". (O Cavalo e o Burro de Guerra e de Paz, São Paulo, 1956)

Armando Rebelo de Oliveira adota essa mesma versão. (Diretivas para a Formação do Nosso Cavalo de Guerra, Rio de Janeiro, 1954)

Alguém mais explica o surgimento do nome manga-larga, apoiando-se em informações dadas por João Francisco Diniz Junqueira, membro da família do Barão de Alfenas e, portanto, pessoa bastante autorizada para trazer maiores esclarecimentos à questão.

Segundo Diniz Junqueira, o atual nome da raça adueio do fato de os primeiros exemplares aparecidos no Rio de Janeiro terem vindo da Fazenda Manga-Larga, existente no município de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro.

Conta aquele criador que, quando o Barão de Alfenas foi eleito deputado do Império, pela província de Minas Gerais, aí pelo ano de 1842, fez-se grande amigo de outro congressista, que era o proprietário daquela fazenda.

Atendendo a convite deste o Barão, certa feita, acompanhou-o a Petrópolis e, depois de apreciar a cavalhada do anfitrião, asseverou possuir melhores exemplares. Em vista disso, o dono da Fazenda Manga-Larga foi a Minas Gerais com o Barão, entusiasmando-se de tal maneira com os cavalos deste que trouxe de lá alguns exemplares. Sendo tais animais de grande beleza, fizeram enorme sucesso à beira-mar, e quando transitavam pelas ruas do Rio de Janeiro iam sendo apontados como "cavalos da Manga-Larga", advindo daí a denominação da raça.

Temos, pois, três versões diversas. (...)”

No início do século XIX surgiram as linhagens Pilares e Bases para o desenvolvimento orientado daquilo que se entende como embrião das raças Mangalarga e Mangalarga Marchador. Para que possamos visualizar os genearcas mais importantes do século XX,

torna-se fundamental nesta narrativa identificar as seis principais origens, que, mescladas pelas mãos da Família Junqueira e seus vizinhos ao longo do século XIX, resultaram nas duas raças nacionais de cavalos de sela e serviço. Vamos, pois, a elas.

1 José Alípio Goulart, *O Cavalo da Formação do Brasil*, Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1964.

A VEIA MASCULINA E SUAS LINHAGENS PILARES

As **Linhagens Masculinas**, que cimentaram a expansão do cavalo Mangalarga (e Mangalarga Marchador) nos séculos XIX e XX, estão reunidas em apenas seis genearcas, a saber: **Fortuna, Joia da Chamusca, Sublime, Gregório, Telegrama e Rosilho** (ou **Abismo**).

Os Junqueira sempre preservaram e distinguiram essas linhagens, e o motivo dessa atitude é provavelmente o fato de estas descenderem de diferentes reprodutores, que pertenceram à Coudelaria Real de Cachoeira do Campo, próxima a Ouro Preto, MG, onde coexistiram animais das raças Alter, Puro-Sangue Inglês, Francês, Alemão, Árabe e do Cabo da Boa Esperança (África do Sul). Dessa maneira, cada um desses reprodutores, que se tornaram **chefes de linhagem**, possuía características próprias que, individualmente, podiam apresentar menos virtudes, mas, quando reunidas, proporcionavam um conjunto de qualidades inerentes à formação de uma raça nacional.

Os **Fortuna**, por exemplo, eram reforçados, tinham crinas ásperas, corpo curto e forte, ventre desenvolvido. Eram cavalos um tanto cilíndricos, de membros bem aprumados, tendo contra si a cabeça pesada e o pescoço deselegante; eram, porém, muito resistentes e com andar admirável.

Os **Gregório**, descendentes dos **Sublime**, de Barbacena, MG, tiveram filhos elegantes de pescoço comprido, pelo muito fino e crinas transparentes. Entre os seus rebentos, dois deles tinham o nome de Cisne, devido ao pescoço esteticamente elegante.

Os **Telegrama** eram marchadores, algumas vezes de andadura – não tão carnudos quanto os Fortuna –, de cabeça fina, crina e cauda com pelo macio. Essa linhagem era de grande velocidade e garupa plana, sendo muito utilizada como cavalo de silhão.

Os **Joia da Chamusca** eram impecáveis nas formas, tinham pescoço altaneiro, olhos vivos, cabeça pequena, porém menos secas que os Telegrama e os Gregório. Muito ágeis e velozes, tornaram-se célebres cavalos de corrida e de caçadas; eram, no entanto, rebeldes.

Os **Rosilho**, ou **Abismo**, possivelmente, tinham a mesma origem e tipo dos Telegrama, pois seus dois criadores eram vizinhos e irmãos, sendo ambos filhos de Gabriel Francisco Junqueira, o célebre Barão de Alfenas.

Todas essas características reunidas, algumas delas dominantes, outras recessivas, formaram o **Mangalarga e o Mangalarga Marchador** do início do século XX. Assim, essa raça brasileira de cavalos se destacava cada vez mais, e a alquimia de virtudes praticadas por seus selecionadores produzia animais mais aperfeiçoados, ganhando o destaque que não tardou a chegar. Com isso a raça, antes mesmo de ser definida, foi nacionalmente conhecida por meio do belo e raro Colorado, resultado perfeito desse caldeamento de origens.

A seguir, vamos sistematizar a base e a influência de cada um desses seis **chefes de raça** ao longo da história, delineando seus troncos, derivações, características e ramos de preservação na genética da raça².

2 Neste ponto, a raça Mangalarga deve muito a João Francisco Diniz Junqueira, pelos relatos descritivos dos chefes de raça antigos; com o auxílio de seu sobrinho e genro Geraldo, ele foi capaz de sistematizar de forma clara e cristalina as origens do Mangalarga. Deve também render homenagens aos colaboradores Erico Ribeiro Junqueira, Antenor Junqueira Franco, José Floriano Martins, Acácio Diniz Junqueira, Renato Junqueira Netto, entre outros, que enriqueceram essa sistematização com dados corretos de seus animais e de suas origens genéticas.

I Grupo FORTUNA I

Registros particulares da Família Junqueira descrevem, no ano de 1835, o crédito em conta corrente em favor de José Frauzino Junqueira, da Fazenda Favacho, de 150 mil-réis. Em contrapartida, aparece um débito, do mesmo valor, contra seu irmão, Francisco Antonio Junqueira, da Fazenda Invernada, pela aquisição de um cavalo de propriedade de Carlos de Sá Fortes, da Fazenda do Curral, em Barbacena, MG. Na ocasião, verdadeira fortuna!

Este fato parece estabelecer uma relação entre o cavalo comprado e Fortuna I, levado por Francisco Antonio às terras paulistas, embora não seja comprovado, já que pouco se sabe sobre a sua verdadeira origem. No entanto, a certeza de sua existência está evidenciada no inventário de Francisco Antonio Junqueira, que faleceu em 1848.

Nesse documento, consta que Antônio Bernardino Franco, seu genro, exigiu que em sua parte de direito houvesse uma égua parida de um potro, filho do cavalo chamado Fortuna. Não se tem notícias sobre outros filhos de Fortuna I, a não ser esse potro, também chamado de Fortuna (neste caso, o Fortuna II), de pelagem castanha, de grande porte e ótima marcha, segundo registros escritos e depoimentos orais passados através das gerações.

Sabe-se, no entanto, que após ter sido criado na Fazenda Espírito Santo, atualmente no município de Morro Agudo, SP, foi presenteado a José Frauzino, da Fazenda Favacho, onde morreu prematuramente.

Mesmo assim, deixou como descendentes algumas éguas e, provavelmente, três cavalos. Um deles morreu na propriedade de um acertador (aman-sador) de Aiuruoca, MG; o segundo, um tordilho, foi

castrado; e o terceiro, nascido por volta de 1856, chamou-se, a exemplo do pai e do avô, Fortuna (seria, então, o Fortuna III).

Foi este utilizado como reprodutor na Fazenda Favacho durante muitos anos até que, depois de velho, com cerca de 20 anos de idade, Francisco Marcolino Diniz Junqueira, o “Capitão Chico”, filho mais moço de Francisco Antonio Junqueira, levou-o definitivamente para a Fazenda Invernada, em São Paulo, como presente.

Na Fazenda Favacho, Fortuna III teve diversas filhas, muitas delas com éguas suas irmãs, também filhas de Fortuna II, entre as quais Vae Vem, Madame Lynch e Pérola, todas de grande influência na genealogia do Mangalarga.

Na Fazenda Invernada, também criou vários produtos, sendo que quatro de suas filhas foram cruzadas com o cavalo **Osman**, puro-sangue inglês de propriedade do Conselheiro Antônio Prado, amigo da família, importado para a inauguração do Hipódromo da Mooca, em São Paulo. Desses cruzamentos, nasceu um cavalo, Mondoya, e duas éguas, uma preta e outra alazã, que também têm grande importância no Mangalarga até nossos dias. Cavalo de significativo porte (em torno de 1,54 m na cernelha), resistente e de marcha trotada afamada, castanho e com uma estrela na testa, de cabeça grande, porém retilínea, Fortuna III ainda deixou, na Fazenda Invernada, dois continuadores de sua linhagem masculina direta, Telegrapho e Baio Escuro.

Quanto a Baio Escuro (Fortuna III x Azulega), devido ao seu ótimo andamento, tornou-se montaria particular de Dona Maria de Paula, esposa do “Capitão Chico”.

Uma curiosa história está relacionada à origem de seu nome. Consta que “Capitão Chico” havia terminado a construção de sua casa na Fazenda Invernada e, necessitando de um pintor, aceitou de seu amigo Martinico Prado, irmão do Conselheiro Antônio Prado, a indicação de um conhecido português de nome Alexandre. Uma tarde, assistindo com o “Capitão Chico” à desmama dos potros, o português foi questionado pelo patrão sobre a denominação da cor de certo potro. Alexandre, apesar de observar um animal de pelagem inteiramente preta, respondeu ao “Capitão Chico” que, em Portugal, ele seria um baio escuro. A resposta, mesmo prestando-se à hilariedade, foi considerada, e o potro preto foi registrado, na Caderneta de Campo da Invernada, como Baio Escuro. Este cavalo tornou-se, mais tarde, o pai de Monte Negro, avô de Fortuna IV, bisavô de Fortuna V, que gerou o imortal Colorado.

II Grupo JOIA DA CHAMUSCA

Joia da Chamusca³, como era conhecido – pois nasceu na Fazenda da Chamusca, em Carmo da Cachoeira (antiga Cachoeira de Ratis), em Minas Gerais, de propriedade de João Alves de Gouveia, o Barão de Lauras⁴ –, nasceu por volta de 1867.

Segundo a Família Diniz Junqueira, é muito provável que seja ele descendente direto do cavalo alemão Mortimer, pois a Fazenda da Chamusca era vizinha à Fazenda Atalho, de Gabriel José Junqueira, onde este reprodutor importado ficou instalado.

Como o contrato firmado entre Gabriel José Junqueira e o Governo Provincial estabelecia que o cavalo Mortimer deveria, inclusive, servir às éguas das fazendas vizinhas, justifica-se a provável ascendência de Joia.

Outro indício desta probabilidade é o caso do cavalo Joia do Andrade, filho de Joia da Chamusca, de propriedade de José de Andrade Junqueira, filho de Gabriel José Junqueira. Ou seja, da mesma maneira que Joia da Chamusca serviu ao plantel da Fazenda Atalho, é bem provável que o cavalo Mortimer tenha servido às éguas da Fazenda Chamusca, dando origem a Joia.

Mortimer era um garanhão anglo-normando, importado pelos Governos Imperial e Provincial, em 1858. Este cavalo, durante dois anos, ficou instalado nas Fazendas do **Atalho e Campo Belo**, de Gabriel José Junqueira, localizadas em Três Corações, que faziam divisas, entre outras, com a Fazenda Campo Alegre. Segundo o contrato firmado entre Gabriel José e o Governo Provincial, esse reprodutor deveria servir às éguas das fazendas vizinhas, proporcionando a recuperação das raças caavares nacionais. Portanto, é de se deduzir que Mortimer cobriu várias éguas pertencentes à Família Junqueira, com considerável influência na formação da raça Mangalarga, antes de ser transferido para a Coudelaria de Cachoeira do Campo, onde morreu.

De pelagem branca ligeiramente amarelada, provavelmente “porcelana”, Joia, quando em liberdade, dava passos de andadura, mas, quando montado, tinha uma marcha trotada muito progressiva, tanto que diziam que ele “esquipa na descida, marcha no plano, trota na subida”.

Ele tornou-se fundador de um importante ramo do cavalo Mangalarga, que se estende até os dias de hoje. Suas diversas linhagens, tanto masculinas quanto femininas (principalmente estas), participam da ascendência de quase todos os atuais

3 Segundo o zootecnista Guilherme Hermsdorff, na sua obra *Zootecnia Especial – Equídeos*, em edição de 1956 da Universidade Rural do Brasil, em 1873 uma égua de nome Joia seria a verdadeira responsável por este grupo de Chefes de Raça, sendo o potro Joia da Chamusca seu filho. (N.A.)

4 “(...) João Alves de Gouveia foi o primeiro e único Barão de Lauras, título que tem origem toponímica a partir da cidade onde residia, uma região outrora notável pela extração de ouro. (...)”. http://pt.wikipedia.org/wiki/João_Alves_de_Gouveia.

Mangalarga. Por duas vezes foi emprestado a Francisco Marcolino Diniz Junqueira, o “Capitão Chico”, da Fazenda Invernada, para a reprodução.

Foi pai de Vae Vem I, cavalo nascido na Fazenda Fauacho, e avô de Vae Vem II, de criação do Cel. Francisco Orlando Diniz Junqueira.

Outro descendente de Joia da Chamusca, conhecido por suas vitórias nas carreiras, foi Completo, de propriedade do “Capitão Chico”. Certa ocasião, Martinico Prado levou até a Fazenda Invernada um cavalo de sua propriedade, com fama de grande corredor, para um desafio com Completo. Uma pista de cerca 500 metros de extensão foi improvisada próxima à sede da fazenda, e Completo venceu a disputa com boa vantagem.

Martinico Prado alegou ser a pista muito curta e pediu uma revanche, a ser realizada por ocasião do casamento de duas filhas do “Capitão Chico”: Helena com Antonio Torquato Fortes Junqueira, e Genoveva com José Frauzino Junqueira Netto, nos dias 22 e 23 de abril de 1884. A cerimônia mereceu nota do jornal *Prouíncia de São Paulo* (atual *O Estado de S. Paulo*) de 8 de maio daquele ano. Quanto à revanche, a literata Adélia Diniz Junqueira Bastos descreve:

“(…) Na grande reunião de amigos e parentes vinha a calhar uma corrida de cavalo. O entusiasmo era geral. A pista de mil metros foi feita na Fazenda Espírito Santo, de Antonio Bernardino Franco. Os dois cavalos, colocados em duas paralelas aguardavam. No momento de largada, Completo, mais ágil e rápido, saltou à frente e tomou a pista do vizinho. Mais uma vez vitorioso, sua fama dilatou-se (...)”⁵.

⁵ *Prouvincia de São Paulo*, 8 de maio de 1884.

⁶ Os cavalos Árabes importados por Dom Pedro I, em 1826, tinham entre 2 e 3 anos, sendo portanto plausível que tenham realmente sido os pais de Sublime e Gregório, estes, sim, cavalos de carne e osso com idades compatíveis para serem pais de Pretinha e Manco do Fauacho.

⁷ Oswaldo Gudole Aranha, filho do inesquecível diplomata Oswaldo Aranha, possuía sua criação de cavalos Árabes no Haras da Teia, na Reta do Piranema, em Itaguai, RJ, antigas terras da Fazenda Imperial de Santa Cruz e vizinho de cerca do Instituto de Zootecnia – km 47, onde, em 1856, o Imperador Dom Pedro II instalou mais uma Coudelaria Imperial. Seu criatório de puros-sangues árabes destacou-se nas exposições agropecuárias do Rio de Janeiro, particularmente na Estadual de Cordeiro, RJ. Sensibilizaram-me, por diversas vezes, o apreço e a gratidão que trocamos no gramado de Cordeiro ao longo de várias exposições agropecuárias nas décadas de 1970 e 1980. (N.A.)

III Grupo SUBLIME

Da mesma maneira como pouco se sabe sobre as origens de Fortuna I, é desconhecido qualquer relato autêntico sobre as origens de Sublime. Supunha, no entanto, João Francisco Diniz Junqueira tratar-se de um cavalo de origem Árabe, pertencente à Coudelaria Real de Cachoeira do Campo⁶.

Essa afirmação é pelo menos possível, com algumas evidências relatadas pela própria Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Árabe:

“(…) Embora oficialmente a criação brasileira do Cavalo Árabe tenha começado no Rio Grande do Sul em 1929, com o registro do garanhão Rasul, importado da Argentina por Guilherme Echenique Filho, existem informações seguras de que muitos cavalos Árabes chegaram ao país bem antes disso. Oswaldo Gudole Aranha⁷, emérito criador e presidente da ABCCA entre os anos 1975 a 1977, em seu artigo no primeiro volume do Registro Genealógico do Cavalo Árabe (*Stud Book*) lembra que Dom Pedro I proclamou a Independência do Brasil no dorso de um Cavalo Árabe e a belíssima obra do pintor que está exposta hoje no Museu do Ipiranga na cidade de São Paulo é uma prova concreta desse fato.

Oswaldo G. Aranha cita ainda registros de importações de cavalos Árabes em 1826, 1837, 1859, 1885 e destacando como sendo uma das mais importantes a realizada em 1894 pelo famoso estadista Assis Brasil, que trouxe Amir, Maalek e Magir ou Uazir (pai de Kalifa e avô de Cigana I, Colina I e Narceja FODJ, relação com a origem de Sublime mas que também entraram na formação do Mangalarga moderno), três importantes reprodutores

nascidos no próprio deserto e que impressionaram muito as autoridades na época (...)”⁸.

Existe uma lenda referente ao seu nome que diz ter ele vindo de Portugal, junto com a comitiva de Dom João VI, em 1808. Ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro, Dom Pedro, Príncipe Herdeiro, teria, com entusiasmo, louvado as suas qualidades, batizando-o de Sublime.

Quanto aos seus descendentes conhecidos, nenhum registro pode precisar se eram realmente seus filhos ou apenas descendentes mais distantes, pois todos eram denominados “Filhos dos Sublimes de Barbacena”. Vale ressaltar que a Coudelaria de Barbacena possuía essa denominação por também ter sido a morada de Visconde de Barbacena⁹.

De qualquer maneira, são comprovados como seus descendentes, relacionados com a raça Mangalarga, dois cavalos e uma égua. Esta é a Pretinha, nascida aproximadamente em 1855, de cor preta impura, criada pelo Tenente-Coronel João Francisco Diniz Junqueira, irmão do “Capitão Chico”, e proprietário da Fazenda Melancias, em Uberaba, MG. Segundo a tradição, ela sempre foi distinguida como a última filha do Sublime, presumindo-se que este reprodutor fosse de notáveis qualidades. Pretinha, cruzada com o cavalo Telegrama Velho – outro grande pilar da raça –, produziu Rio Branco, animal de grande influência na Mangalarga.

Faceiro, de propriedade de Antônio Pereira de Castro, de Tambaú, SP, é outro filho de Sublime, da mesma maneira que Gregório, de propriedade do mesmo Carlos de Sá Fortes, que havia vendido Fortuna para a Família Junqueira.

⁸ www.abcca.com.br/textos.asp?5

⁹ “(…) Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira Horta, primeiro Visconde e Marquês de Barbacena (Mariana, 19 de setembro de 1772 — 13 de junho de 1842), foi um militar, diplomata e político brasileiro. Frequentou o Colégio dos Nobres, em Lisboa, e a Academia de Marinha. Transferiu-se para o estado-maior do Exército e foi ajudante de ordens do governador de Angola. Veio para o Brasil em 1807 junto com a corte de Dom João VI (...)”. Fonte: pt.wikipedia.org/.../Felisberto_Caldeira_Brant_Pontes_

IV Grupo GREGÓRIO

Nascido, provavelmente, em 1826, Gregório foi adquirido pelo Major José Frauzino Junqueira, em 1833, para fazer parte do cerimonial de seu casamento. Naquele tempo, era costume o noivo chegar para a cerimônia montado a cavalo, acompanhado por um séquito de amigos. Pela aquisição, José Frauzino deu em pagamento a Carlos de Sá Fortes vinte novilhas Turinas (mestiças de Holandês), muito valiosas na época, comprovando as qualidades do cavalo.

Gregório era tordilho claro, de belo porte. Teve um filho chamado Manco do Fauacho, notável por sua inteligência e dotes excepcionais, mas impossibilitado de revelar toda a sua capacidade física pela sequela resultante da fratura de uma das omoplatas, que o deixara aleijado e liquidara com a sua carreira funcional. Teve o nome originado do defeito físico, o que não comprometeu a sua capacidade reprodutora.

Gregório, descendente dos “Sublimes de Barbacena”, teve filhos elegantes de pescoço comprido, pelo muito fino e crinas transparentes. Entre os seus rebentos, dois deles tinham o nome de Cisne, devido ao pescoço magistralmente elegante, o que mais uma vez denota sua origem oriental (árabe para ser mais exato).

V Grupo TELEGRAMA VELHO

Telegrama, também chamado de Telegrama Velho, foi criado por Francisco de Andrade Junqueira, da Fazenda Cafundó, em Cruzília, MG, conhecido como “Chiquinho do Cafundó”, filho caçula do Barão de Alfenas.

Era tordilho claro, de andar desde a andadura (“cavalo de silhão”, sela utilizada pelas mulheres, que o montavam de lado) até o trote. Descrito como de bonita figura, com ótimas ancas, ágil e resistente, apresentava origem de pais desconhecidos. Entre seus filhos, encontramos os célebres Rio Branco e a matriz Telegrama Tordilha.

Segundo a tradição da Família Junqueira¹⁰, em 1840, estando com a saúde abalada, Francisco Antonio Junqueira, acompanhado de seu filho, o Tenente-Coronel João Francisco Diniz Junqueira, da Fazenda Melancias, em Uberaba, retornou para o Sul de Minas Gerais em busca de melhores recursos para o seu tratamento.

Naquela ocasião, “Chiquinho do Cafundó”, seu primo, contou-lhe que os cavalos dos Junqueira estavam muito valorizados, devido a uma grande aquisição que lhes fizera um fazendeiro muito rico do Estado do Rio de Janeiro e que este os teria recomendado a seus amigos (com toda certeza referia-se a Francisco Peixoto de Lacerda Werneck¹¹, proprietário da Fazenda Mangalarga, em Paty do Alferes, RJ), determinando aquela súbita valorização.

Francisco Antonio e João Francisco, diante disso, resolveram adquirir do “Chiquinho do Cafundó” um reprodutor para refrescar a consanguinidade daqueles animais que criavam em São Paulo. Esse reprodutor foi o Telegrama Velho¹², que, além de muitas éguas, deixou dois cavalos de primeira ordem: Rio Branco (x Pretinha, por Sublime) e Telegrama Cavia, da criação do “Capitão Chico”. Rio Branco foi pai da célebre Braceira, mãe de Fortuna V e avó paterna de Colorado, sem dúvida, o esteio dourado no qual repousa toda a história da raça Mangalarga.

Outro descendente deste ramo inaugurado por Telegrama Velho, e que também contava com fama legendária, foi Índio, o cavalo do Cel. Francisco Orlando Diniz Junqueira, filho do “Capitão Chico”, fundador da cidade de Orlandia.

Adélia Diniz Junqueira Bastos, em seu afamado livro *Lendas e Tradições da Família Junqueira*, narra uma das histórias que envolvem esse cavalo, na época muito conhecido pela sua velocidade e resistência, principalmente nas caçadas ao veado campeiro:

“(...) Uma ocasião, Cel. Chico Orlando, tendo para receber uma importância em dinheiro em Jaboticabal e não podendo ausentar-se, mandou chamar o compadre Gabriel Antonio Silva, na cidade de Nuporanga, antiga Espírito Santo de Batatais. Incumbiu-o de levar uma carta a um devedor e trazer o dinheiro. O compadre Gabriel dormiu na fazenda e antes de o sol nascer selou o Índio e partiu.

No dia seguinte, ao entardecer, estava de volta. O Cel. Chico Orlando preocupado, indagou desse regresso prematuro. Teve então a resposta.

Quanto mais andava, melhorava a marcha do animal. Chegando à fazenda em Jaboticabal ao entardecer, encontrara o dinheiro pronto. Seguiu então para uma pensão em Jaboticabal para passar a noite. Preocupado com a grande importância que trazia na guaiaca (cinturão de couro onde os boiadeiros antigamente carregavam dinheiro), resolveu partir no meio da noite e o cavalo portou-se muito bem, não demonstrando o menor cansaço.

Percorreram, ida e volta, 240 quilômetros mais ou menos, atravessando a nado duas vezes os rios Pardo e Mogi: cavalo e cauleiro estavam em forma (...)¹³”.

10 Conforme descrito no livro *Lendas e Tradições da Família Junqueira*, de Adélia Diniz Junqueira Bastos, 1ª. Edição de 1966.

11 “(...) Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, segundo Barão de Pati do Alferes, foi um fazendeiro, militar e nobre brasileiro. Filho do sargento-mor Francisco Peixoto de Lacerda, natural da Ilha do Faial, Açores, e de sua mulher Ana Matilde Werneck, fluminense. Foi fazendeiro na região de Paty do Alferes, proprietário das fazendas da Piedade, Santana, Monte Libano, Monte Alegre, Manga Larga, Vera Cruz e Conceição. (...)”

12 Segundo o zootecnista Guilherme Hermsdorff, na sua obra *Zootecnia Especial – Equídeos*, em edição de 1956 da Universidade Rural do Brasil, o garanhão Telegrama foi adquirido pela Família Diniz Junqueira em 1867.

13 Adélia Diniz Junqueira Bastos, *Lendas e Tradições da Família Junqueira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991

VI Grupo ROSILHO/ABISMO

O último dos grandes chefes de raça primitivos dos Mangalarga e Mangalarga Marchador foi Rosilho (ou Abismo), de propriedade de Antonio Gabriel Junqueira, filho do Barão de Alfenas e proprietário da Fazenda Narciso, em Cruzília, MG.

Teve diversas filhas, como Máscara, Lynch, mas seus continuadores por linhagem masculina foram o tordilho Cana Verde e o rosilho Trouador. Cana Verde gerou o tordilho Cuéra, em 1892, que foi pai do tordilho Angahy Caxias I, em 1898, assim como de Ladário I (que serviu no Estado do Mato Grosso) e Branquinho, pai de Colibri e Vampa.

Trouador produziu, em 1890, o Pretinho, que gerou o Farol (nascido em 1900), filho da égua Joia, de propriedade de José Andrade e, principalmente, The Money (castanho – 1895), pai de outro afamado reprodutor, Bellini¹⁴ (castanho-zaino – 1901).

Destas linhagens, descende a maioria dos representantes da raça Mangalarga Marchador¹⁵.

Cuéra – nascido em 1892. Conta-se que por este cavalo tordilho, seu proprietário¹⁶, naquele tempo, rejeitou uma oferta de \$ 8.000,00 (oito mil-réis) de um rico fazendeiro de Franca. Que se sabe, só teve um filho: o famoso Caxias I.

Caxias I¹⁷ – nascido em 1898, criação de Cristiano

dos Reis Meirelles – Fazenda Angahy, de Cruzília, MG –, tordilho, de excelente marcha, muito bonito. Gerou:

🐾 Angahy Caxias II (x Estrela), pai de Angahy Bônus I, Abaíba Lôla, Angahy Caxias III e Caxias Pintangueiras (de Urbano de Andrade Reis, “Banico”);

🐾 Palermo, de José Anthero dos Reis Meirelles;

🐾 Angahy Yankee, pai de Angahy Veto;

🐾 Angahy, de Celso Torquato Junqueira (“C.J.”);

🐾 Caxias Alazão – nascido em 1908, criação de Urbano Xavier de Andrade na Fazenda Campo Lindo, de Cruzília, MG, alazão com estrela escorrida, de marcha balanceada, formas bonitas e média estatura. Seus principais produtos foram: Taperá II (x Taperá), avó de Comparsita; Colina II (x Colina, por Kalifa), mãe de Colina III, avó de Fantasia, que produziu os afamados Pensamento e **Minuta (mãe de Sheik)**¹⁸; Ecerada, Órfã e a fêmea Alazã Caxias.

🐾 Fêmea Caxias I (x Máscara II, por Pretinho), mãe de Ouro Preto e avó de Plutão Mineiro; bem como mãe de Mozart e avó de Canadá, de José Olyntho Fortes Junqueira; e

🐾 Fêmea Angahy Mangalarga II, mãe de Predileto Velho da Tabatinga e avó de Abaíba Eldorado; bem como mãe de Cupido, avó de Radium e bisavó de Lôla, que vem a ser a avó do célebre Burity, de Sebastião A. Malheiros.

14 Este é Bellini JB, por The Money x Dourada, nascido em 1901 na Fazenda Campo Lindo – “JB”, em Cruzília, MG. No importante livro *A História do Cavalo Mangalarga Marchador – A.B.C.C.M.M.*, 1991, publicado pela Editora Nova Fronteira, no Rio de Janeiro, descreve-se assim a importância de Bellini J.B.: “(...) As habilidades desse exímio animal habitam a lembrança de todos aqueles que frequentavam a Fazenda Bela Vista. Conta-se que as visitas da fazenda, antes de chegarem à casa, não perdiam a oportunidade de, sorratamente, dar uma volta em “Bellini” – que sendo o cavalo predileto de seu dono estava sempre por perto. Só depois disso feito é que os visitantes iam ver os parentes. (...)”

15 Grifo do autor.

16 Sobre este episódio, assim escreveu o criador Carlos Roberto Ribeiro Meirelles, de Batatais, SP: “(...) Conta-se que naqueles velhos tempos o Sr. João Ribeiro, do Capingal, enjeitou oito contos... pelo Cuéra, pai de Caxias I, de um interessado do Estado de São Paulo que queria levá-lo para Franca. E por falar no Sr. João do Capingal, não posso deixar de contar sua façanha de percorrer 50 léguas que o separavam da prometida em três dias, no lombo de seu cavalo Perfeito. Partiu da Fazenda Nyagara, em Leopoldina, e caminhou 50 léguas até chegar à Fazenda Bela Vista, em São Vicente de Minas. Quando soltou o animal, este saiu ‘soprando como se quisesse andar mais’... e depois ainda percorreu mais 20 léguas com a noiva na garupa até chegar à Fazenda em Silvestre Ferraz. Perfeito era crioulo da Fazenda Bela Vista. (...)”. Fonte: *Revista Equinos no Brasil*, n. 40, ano VI, 1981.

17 O criador Carlos Roberto Ribeiro Meirelles, de Batatais, SP, um dia descreveu intensamente sobre o Angahy Caxias I: “(...) De posse de dados genealógicos de diversos genearcas famosos do passado, cheguei à seguinte conclusão: o garanhão que mais atuação exerceu nos diversos rebanhos onde se criava Mangalarga foi Caxias I da Fazenda Angahy. (...)”. Fonte: *Revista Equinos no Brasil*, n.º 40, ano VI, 1981

18 Grifo do autor.

Trovador – criação de Antonio Gabriel Junqueira, de pelagem rosilha, afamado em suas formas, gerou Cabocla (x Estrela, por Fortuna III) e Pretinho (x mãe do Burrinho).

Pretinho – nasceu em 1890, da criação de Antonio Gabriel Junqueira, preto, muito bom de marcha. Produziu Máscara II (x Máscara I, por Telegrama Cavia); Farol (x Joia, por Joia do Andrade); The Money e Doradilha (x Estrela, por Fortuna III).

Farol – zaino, por Pretinho x Joia, criação de Urbano Xavier de Andrade, marcha trotada, foi pai de Rio Negro (x Iracema), que gerou Sota (x Raposa, por Pégaço), mãe de Clemanceau I (x Bellini).

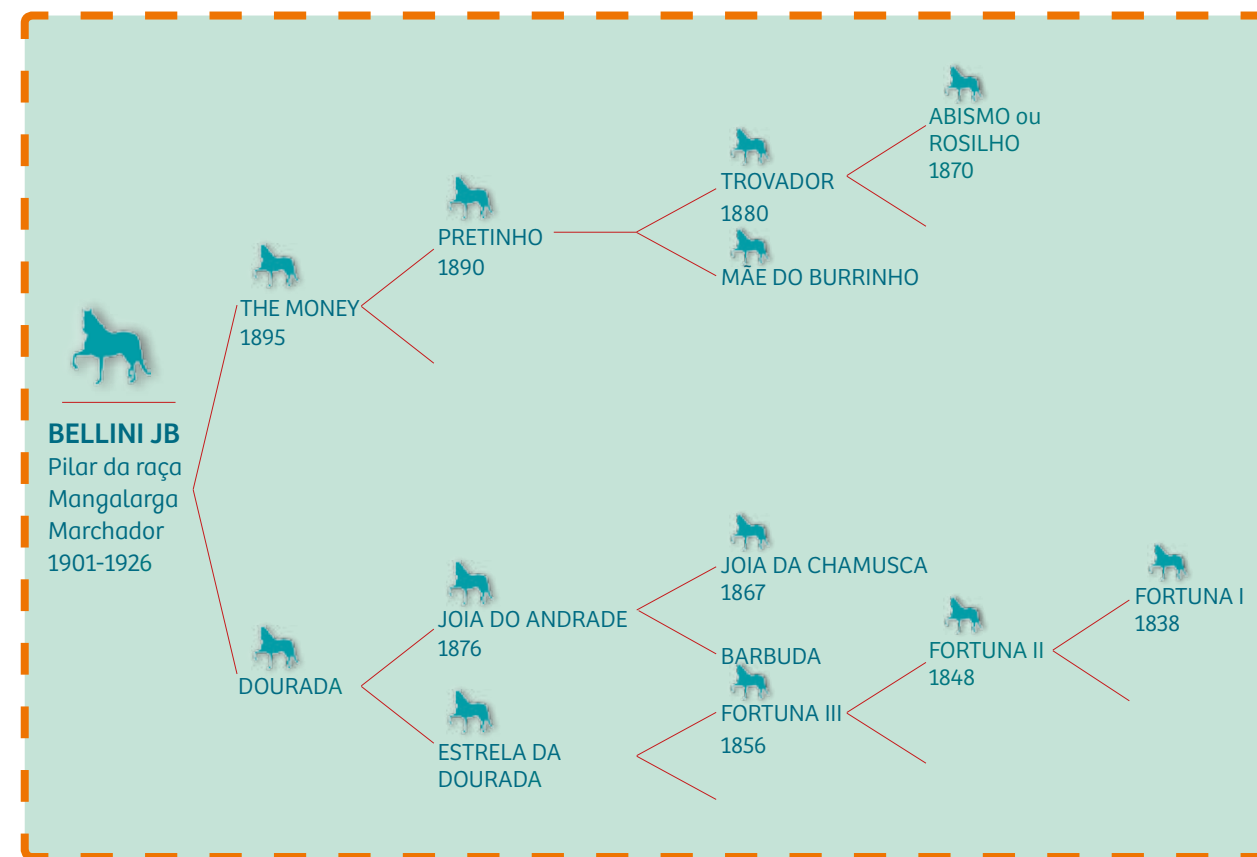
Rio Negro – criação de Gabriel Fortes Junqueira, preto,

por Farol x Iracema, produziu Esmeralda (x Safira II, por Índio x Safira I, por Manquinho x Pérola).

The Money – por seu turno, criação de Thomé Junqueira, foi pai do imortal Bellini JB (x Dourada, por Joia do Andrade x Estrela, por Fortuna III), que produziu uma constelação de estrelas marcantes na raça Mangalarga Marchador.

Bellini – nascido em 1901, por The Money x Dourada, criação de Urbano Xavier de Andrade na Fazenda Campo Lindo, de Cruzília, MG. De pelagem castanha zaina, foi árvore frondosa em que boa parte da raça Mangalarga Marchador se apoiou para seu crescimento. Dentre seus inúmeros filhos e filhas, destacaram-se:

ÁRVORE GENEALÓGICA



Ouro Preto – por Fêmea Caxias I (Angahy Caxias I x Máscara), criação de Urbano Xavier de Andrade, tordilho, nascido em 1910 e marchador por excelência, pai do tordilho Plutão Mineiro, avô do tordilho V 8 (x Fêmea Caxias II) e Vapor (x Camurça)¹⁹; pai também de Rei e avô de Normalista, de Manoel Sá Fortes Junqueira.

Mozart²⁰ – por Fêmea Caxias I (Angahy Caxias I x Máscara), castanho, criação de Urbano Xavier de Andrade, nascido em 1912, pai de Canadá (x Eureka, por Radium I x Vampira, por Vampiro x Cabocla, sendo Vampiro por Camões x Vampa, por Telegrama I), nascido em 1917, que gerou Holofote, Pinga-Fogo e Paulistano (de José Olyntho Fortes Junqueira).

Clemanceau I (1912) – pai de Clemanceau II, avô de Tabatinga Nero e bisavô do inesquecível Tabatinga Predileto.

Bolívar (1926) – pai de Panchito, que gerou Baularte do Engenho de Serra, formador dos ventres Herdade Cinema, Alteza, Tiroleza e Rancheira.

Pégaço – pai de Rádio e avô de Traituba Satyro, bem como pai de Traituba Dançarina e Traituba Raposa, ambas do criatório de Otto Junqueira.

Radium – por Vampa II (por Índio x Lynch, filha de Pretinho), castanho e nascido em 1910, criação de Urbano Xavier de Andrade, pai de Espadilha (x Rejane II, por Fortuna V x Rejane I, por Índio x Pólvoira, por Joia do Torquato x Uruguayana, por Jaguarý).

Brasil – nascido na Fazenda Bela Cruz e que posteriormente foi levado para a Alta Mogiana, servindo na Alta Mogiana aos seletos plantéis da Família Junqueira Netto (“Tropa 53”).

Calçado²¹ (x Calçada, por Dóllar, por Fortuna IV x Angahy) – criação de Gabriel Fortes Junqueira de Andrade (“Bilota”), baio gateado, pai de Disco (x Raposa, por Campolina), empregado no criatório de José Bento Junqueira de Andrade (“Bentinho”), Fazenda dos Lobos, em Cruzília, MG.

Submarino – nascido em 1908, de Gabriel Fortes Junqueira de Andrade (“Bilota”), da Fazenda Favacho, em Cruzília, MG, trote de cão e alazão escuro;

Canário – pai de Chapada.

Rosilho ou Abismo –

| Canaverde (M) por Rosilho

|| Cuéra (M) por Cana Verde

||| Caxias I (M) por Cuéra

|||| Caxias Alazão (M) por Caxias I

||||| Colina II (F) por Caxias Alazão

||||| Colina III (F) por Colorado

||||| Taperá II (F) por Caxias Alazão

||||| Marquesa (F) por Kaizer

||||| Baronesa (F) por Colorado

||||| Feitiço II (M) por Genuino

||||| Zirconio (M) por Astuto

| Trovador (M) por Rosilho

|| Pretinho (M) por Trovador

||| The Money (M) por Pretinho

||| - Bellini (M) por The Money²²

19 Este é o Favacho Vapor (Plutão Mineiro, ou Plutão II, x Camurça), registro na A.B.C.C.R.Mangalarga no 000.159/D, que foi posteriormente vendido a Celso Torquato Junqueira e que gerou Bayardo, Elogio e Krupp, entre outros. Rubens Junqueira de Andrade, em carta, recebida pelo autor, a seu filho Haroldo em 1986, cita este importante reprodutor: “(...) Tivemos o Vapor, vendido para o Tio ‘Zezico’, Celso Torquato e Nhonhô Prado, durante uma exposição no Rio de Janeiro, no local onde hoje é o Estádio do Maracanã; que nada deixou por aqui, mas retornou através do Krupp, seu filho com Estrela, enviado pelo Celso Torquato com cara inchada, que aqui regrediu, gerando entre outros a Odessa (por Antarctica), avó da Hauana e irmã do Quati. (...)”

20 Sobre mais este episódio, assim escreveu o criador Carlos Roberto Ribeiro Meirelles, de Batatais, SP: “(...) Mozart gerou Canadá, do Sr. José Olyntho Fortes Junqueira, um baio marchador, grande, que gerou Holofote, Pinga Fogo e Paulistano. A mesma égua Caxias I cruzada com Rápido, um tordilho bom de andar do Sr. Albertino Dias Ferreira, produziu a fêmea Caxias II, mãe de Veto do Angahy. Veto gerou Vênus II e esta Angahy Salmon; Salmon gerou Abaíba Fidalgo, de que falei anteriormente. (...)”

21 Carta de Rubens Junqueira de Andrade – Favacho a seu filho Haroldo, em 1986 – “(...) Bem antes tivemos, mais nos Lobos com Bento pois era dele, o Calçado (Bellini x Calçada), que nunca foi amansado porque em potro machucou a mão, cortada no arame que nunca sarou; mas tiramos produção, dada sua excelência de tipo e mesmo andamento, sendo tocado. Foi o pae do Fla-Flu (Calçado x Fumaça), este pae do Favacho Pedra Estanho, de grande contribuição ao criatório Catuni. A mãe do Estanho era Brasileira, que foi da Bela Vista (Romeu) e era filha do Brasil da Bela Cruz, que por sua vez era filho do Bellini. Fla-Flu foi vendido para o Ministério da Agricultura, foi lá para o Km 47, escola no Rio de Janeiro e dele não tivemos mais notícias. (...)”

22 Para mais informações sobre a descendência de Rosilho (ou Abismo), ver: de R. L. Casiuch, *O Romance da Raça – Histórias da Raça Mangalarga Marchador*, São Paulo: Empresa das Artes, 1997, p. 47.

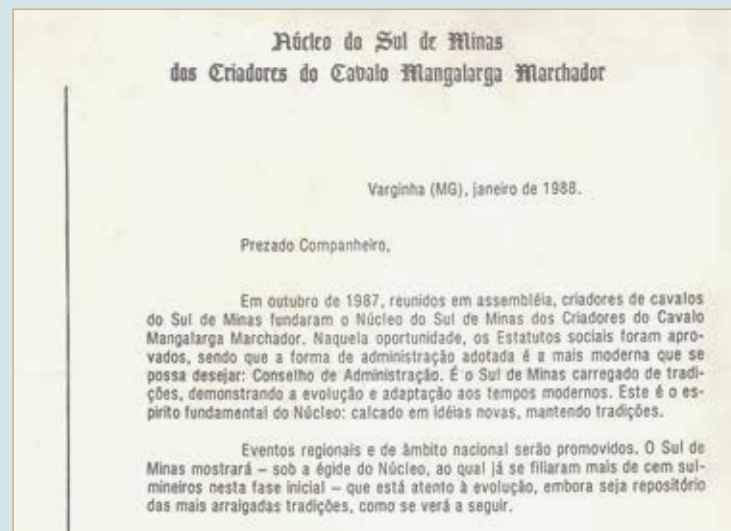
Toda esta intensa pesquisa foi calcada em antigos documentos e manuscritos históricos, dos quais selecionamos e sublinhamos alguns, que representam as vias de entendimentos que nos têm pauta- do até aqui e que desaguaram nestas múltiplas e diversas linhas. Observemos com detalhes alguns desses registros:

“ Núcleo do Sul de Minas dos Criadores do Cavallo Mangalarga Marchador²³”

Varginha, MG, janeiro de 1988.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Anibal Junqueira de Andrade
Antonio Lima Reis
Bruno Teixeira de Andrade
Caio Márcio Resende Diniz
Jairo de Andrade Aluarenga
João Sérgio Reis
José Alfredo Reis II
José Márcio Carvalho Leite
Nélson dos Reis Meirelles
Rogério Figueiredo de Carvalho
Rosalbo Francisco Bortoni



Nos primeiros anos do século XVII vieram para o Brasil as famílias de Manoel Gonçalves Correia (o 'Burgão') e de Manoel Gonçalves da Fonseca. Eram provenientes da Ilha de Fayal, no arquipélago de Açores, Portugal.

Instalaram-se na freguesia de Nossa Senhora do Pilar de São João D'el Rey, perto do Rio das Mortes Pequeno.

Dessas famílias descendem as famosas 'Ilhoas', das quais provêm algumas das mais tradicionais famílias de Minas, como os Resende, os Junqueira, os Andrade, os Carvalho, os Meirelles, os Reis e os Ferreira, para citar apenas algumas.

A região onde se instalaram, em muitos pontos semelhante à de origem, exigia para sobrevivência perfeita adaptação, não só das pessoas, como principalmente dos animais de criação. Assim é que dessas famílias foram desenvolvidas raças de animais que se caracterizavam principalmente pela rusticidade, produtividade, docilidade e perfeita adaptação à finalidade para as quais eram criadas.

Através dos descendentes da Ilhoa Helena Maria, casada com João de Resende Costa, surgiu o jumento da raça Pega e foi desevoluido o que viria a ser o cavalo da raça Campolina.

23 Deve-se destacar o trabalho intenso de pesquisa do criador Bruno Teixeira de Andrade, em Carrancas, MG. (N.A.)

Da Ilhoa Júlia Maria da Caridade são os descendentes que desenvolveram a raça de cavalos Sublime, depois denominada de Mangalarga²⁴.

Na região do Rio das Mortes se instalou uma filha de Júlia Maria, Ana Maria do Nascimento. Ali se dedicava à mineração.

Para as bandas das Comarcas de Baependi e Aiuruoca, instalou-se outra descendente de Júlia Maria, Helena Maria do Espírito Santo, que se casou com João Francisco Junqueira, da Fazenda do Favacho.

A partir daí, a mineração foi paulatinamente abandonada, sendo substituída pela agropecuária, com ênfase para a criação de gado e equinos de sela.

Foi então que se iniciou a seleção que viria a ser o Mangalarga Marchador.

Os descendentes de Helena Maria do Espírito Santo, filha da Ilhoa Júlia Maria da Caridade, ao comecarem a trocar suas atividades extrativas – mineração – pela agropecuária, desenvolveram um tipo de cavalo de porte médio, forte, de boa ossatura, frente um tanto carregada, perfil pouco retilíneo, com tendência para o subconvexo, pescoço de inserção baixa. A garupa, nem sempre longa, com inserção de cauda quase sempre baixa.

O andamento, muito variado. Desde o diagonalizado até o lateralizado puro, a andadura.

Dados históricos e geográficos, além do próprio tipo do cavalo, nos permitem imaginar que estes animais fossem originários do cavalo barbo ou bérbere, do Norte da África, e também das raças nativas da Península Ibérica – o Minho, o Garrano e o Sorraia, sendo que estas já possuíam também o sangue barbo, por invasões mouras na Península Ibérica. Daí, por invasões ibéricas, chegaram ao Brasil.

Posteriormente, temos notícia da introdução do sangue andaluz-lusitano, já no criatório de outro descendente das Ilhoas, o Barão de Alfenas, Gabriel Francisco Junqueira, que foi presenteado pelo Imperador com um garanhão vindo da Coudelaria de Alter do Chão, em Portugal. Pela militância política na Corte e acesso às rodas de expressão nacional, o Barão deu grande notoriedade à raça que então começava a se desenvolver.

A raça, então dita Sublime e depois Mangalarga, teve vários núcleos formadores, daí sua diversidade e relativa falta de padronização, o que de certa forma ainda hoje se observa.

A seleção inicial se fez principalmente visando o andamento cada vez mais cômodo, trabalho esse que veio desaguar na marcha batida ou picada, conforme a localização de cada núcleo.

Naqueles mais próximos à região do Rio das Mortes, portanto mais influenciados pela mineração, a preferência era pela marcha picada. Nos núcleos localizados mais próximos a Baependi, Aiuruoca, São Tomé das Letras, em que a atividade principal passara a ser a pecuária, havia nítida preferência pela marcha batida.

Interessante em tudo isto é notar que os cães tiveram bastante importância na fixação do tipo de andamento dos cavalos. Era costume – e ainda é – na região, a caça ao veado-campeiro, na qual se utilizam animais de andar mais equilibrado e velozes para acompanhar as matilhas da raça Nacional. O Nacional era um cão de caça amarelo ou avermelhado, de pouca ou nenhuma pinta, de pouco faro, goela fraca

24 Grifo do autor.

(na linguagem do caçador significa o cão de uivo fino e pouco expressivo). Mas era um grande velocista, que perseguia a caça orientado pela visão e não pelo faro.

Posteriormente, à cidade de Carrancas, chegaram alguns exemplares de cães que hoje chamamos 'americano'. Esses Fox Hound foram trazidos por um engenheiro americano que trabalhava na construção da estrada de ferro regional. Eram cães bons de faro e já não perseguiam a presa orientados pela visão. Com eles transformou-se o tipo de caçada, já agora sem o objetivo de matar, mas com o de apreciar o trabalho dos cães pelo faro e ouvir o toque.

E a montaria das caçadas foi sendo mudada. Dos antigos cavalos corredores, a procura já era por cavalos mais cômodos.

Claro que no meio de tudo isto foram aparecendo os homens que mais se identificavam com os cavalos, com sua criação e seleção. E cada qual partiu em busca de SEU cavalo.

Linhagens de base, de tradição e extintas

Então começaram a surgir as linhagens

A formação das famílias sul-mineiras a partir das famosas Ilhoas, que por sua vez deram início à seleção de animais, entre os quais o que viria a ser o Mangalarga Marchador, tem sequência com os descendentes de Helena Maria do Espírito Santo, que se casara com João Francisco, iniciando, assim, a Família Junqueira. Deste casamento, nasceram vários filhos, dos quais sete chegaram à idade adulta.

Casamentos foram se realizando. Novas famílias se formaram, já então com outros nomes aduzidos àquele inicial, mas todas descendentes de Helena Maria do Espírito Santo.

Todos fazendeiros. Todos eram aficionados das caçadas ao veado. Todos criavam cavalos para as lides do dia a dia e para seu lazer predileto. Então, alguns grupos se destacaram no mister de criar cavalos. São as linhagens de base.

Posteriormente, outros fazendeiros desenvolveram criatórios, dentro do mesmo espírito dos precursores, formando novas linhagens. São as linhagens de tradição.

Alguns, no correr dos anos, pararam. Mas a influência de seus animais se fez e faz sentir até hoje no Mangalarga Marchador. São as linhagens extintas.

As linhagens de base

Em linhagens de base, citam-se: Fauacho; Campo Alegre; Traituba; Narciso; Campo Lindo; e Angahy.

FAVACHO – Dos vários filhos de João Francisco e Helena Maria, o mais velho foi João Francisco Junqueira Filho, que se instalou na Fazenda do Fauacho. Do seu casamento com Maria Inácia do Espírito Santo Ferreira, nasceram 8 filhos. Deles, destacou-se José Frausino, nascido em 1805, que ficou morando na Fauacho após a morte do pai.

A partir de João Francisco Junqueira Filho foi iniciada a seleção de cavalos, dando-se sempre ênfase na seleção do animal bom de sela, cômodo, mas ligeiro, cavalos 'prontos'.

Do Fauacho eram os reprodutores: Fortuna I, Fortuna II e Fortuna III. Este foi levado para o Estado de São Paulo, depois de ter servido por alguns anos no plantel do Fauacho.

Em São Paulo, nasceram os Fortunas IV e V, tendo voltado para o Fauacho um descendente deles, o Armistício, que foi pai de Candidato, cavalo de imensa importância no criatório sul-mineiro em geral. Dos Fortuna também descende Colorado, de capital importância no criatório do Mangalarga, também chamado de Mangalarga Paulista.

Reprodutores que tiveram influência na tropa do Fauacho, no correr dos anos: Plutão, Canadá, Duque, Calçado, Manco, Trouão, Montenegro, Fla-Flu, Jambo, Gesso, Albatroz, além dos já citados Armistício e Candidato.

CAMPO ALEGRE – Fazenda de Gabriel Francisco Junqueira, depois Barão de Alfenas. Gabriel era filho do patriarca da família, João Francisco. Nasceu em 1782, na Campo Alegre, onde continuou morando. Casou-se com Ignácia Constança de Andrade e tiveram 10 filhos. Dentre eles, dois se destacaram na criação de cavalos: Francisco de Andrade Junqueira, chamado 'Chiquinho do Cafundó', de quem descendem os proprietários da Fazenda Tabatinga, e Antônio Gabriel Junqueira, da Fazenda Narciso, onde também se criaram famosos reprodutores da raça.

A Gabriel Francisco Junqueira é creditado o mérito de ter criado um tipo peculiar de cavalos, assim como a fixação do andamento marchado, tudo a partir de cruzamentos feitos de seus animais com um garanhão que lhe fora presenteado pelo então Imperador do Brasil.

TRAITUBA – Construída em 1831. Seu primeiro proprietário foi João Pedro Junqueira, que foi pai de João Pedro Diniz Junqueira. Uma filha deste casou-se com José Frausino Fortes Junqueira, e a partir daí a criação de cavalos tomou vulto na fazenda. Tropa muito semelhante em tipo e aptidões à do Fauacho, com ênfase para as qualidades funcionais do cavalo.

Garanhões que influenciaram a tropa: Pégaço, Canário, Glicério, Armistício, Rádio, Rádio II, Bibelô, Beduíno, Candidato e Sátyro, este tendo ido para a Fazenda do Angahy, onde exerceu marcante influência.

NARCISO – Criatório já extinto. Entretanto, até hoje – e sempre será assim – seus animais têm marcante influência na raça Mangalarga Marchador.

Era de propriedade de Antônio Gabriel Junqueira, filho do Barão de Alfenas. Quase todas as tropas daquela época foram beneficiadas pelos reprodutores da Narciso, destacando-se, entre eles: Abismo²⁵, Trovador, Pretinho, Primeiro, Mussolino e The Money.

CAMPO LINDO – Do casamento de João Francisco Junqueira Filho, do Fauacho, com Maria Inácia do Espírito Santo Ferreira, nasceram oito filhos. Destes, um era José Frausino. De seu casamento com Ignácia Carolina Fortes da Silua nasceram sete filhos. Um deles era João Bráulio, iniciador do criatório da Fazenda Campo Lindo.

25 Grifo do autor.

João Bráulio era grande conhecedor de cavalos, a par de ter sido excelente cavaleiro. Pelo seu alto grau de exigência quanto às suas montarias, João Bráulio conseguiu formar uma tropa de grande refinamento e expressão racial, sem se descuidar das qualidades funcionais.

Embora seus descendentes – também notáveis cavaleiros – tenham, anos depois, passado a registrar os animais na Associação do Mangalarga, de São Paulo, até hoje seus animais têm grande importância no Mangalarga Marchador²⁶.

Garanhões que se destacaram: The Money, que foi pai de Bellini, este de grande influência na tropa da Fazenda e no Mangalarga Marchador em geral, Farol, Rio Negro, Clemanceau I e II, Ouro Preto JF, Candidato, V-8 JF, Sargento e Diamante.

ANGAHY – Construída por volta de 1782, por José Garcia Duarte, bisavô de Christiano dos Reis Meirelles, o iniciador do criatório de cavalos no Angahy.

Em 1940 assumiu a direção o filho de Christiano, Adeodato, grande conhecedor de cavalos.

Em 1959, por morte de Adeodato, a direção passou para seus filhos.

Cavalos que influenciaram a formação e continuidade da tropa: Bônus, Mozart, Mineiro, V-8 JF, Myron, este filho de Sátyro, cavalo da Traituba, de fundamental importância no Angahy, além de Salmon, Veto e Yankee. Foi do Angahy, um dos mais célebres reprodutores da raça, o Caxias I, nascido na Fazenda Luziânia, em Leopoldina. Era também do Angahy o garanhão de nome Angahy, registrado sob o número 1 na Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Marchador da raça Mangalarga.

As linhagens de tradição

Com este novo informativo, divulgamos os criatórios e os respectivos iniciadores das chamadas linhagens de tradição, que tiveram e têm influência na formação e continuidade do nosso Mangalarga Marchador, que teve no início das famílias do Sul de Minas a responsabilidade pela sua seleção e fixação, com a formação das linhagens de base.

Por ser um pouco longa a relação, em geral faremos tão somente indicação do criatório, com o nome de seu iniciador.

Estas são as chamadas linhagens de tradição:

ABAÍBA – Leopoldina. Iniciada na Fazenda Nyagara, por José Ribeiro Junqueira. Em 1890, seu filho, Antônio Monteiro Ribeiro Junqueira, se mudou para a Abaíba. A partir de 1923, assumiu a orientação um filho de Antônio, Erico Ribeiro Junqueira, que deu notoriedade definitiva à linhagem, hoje dividida entre seus herdeiros.

ARA – Minduri. Iniciada por José Alves Ferreira.²⁷

BELA CRUZ – Cruzília. Iniciada por Prudente dos Reis Meirelles.

CATUNI – Montes Claros. Iniciada por Casemiro Collares, com animais do Sul de Minas, tendo usado basicamente um cavalo levado do Fauacho, o Pedra Estanho.

26 Levando-se em conta que este texto foi escrito em 1988 e que a tropa “JB” somente adentrou oficialmente na raça Mangalarga Marchador na década de 1990, percebe-se claramente o efeito de sua inserção por vias “não documentadas” nos rebanhos selecionadores do Mangalarga Marchador. Destaque aqui para as criações: “JG”, “LN”, “Granito”, “Ituverava”, “Nanuque”, “LJ” e “Ogar”, entre muitos outros. (N.A.)

27 A linhagem Ara iniciou-se na antiga Fazenda do Pinhal (Serranos, MG) e em 1920 transferiu-se para a Fazenda Araújo (Minduri, MG), lá permanecendo e frutificando até os dias de hoje. (N.A.)

F.R. – Conceição do Rio Verde. Iniciada por Francisco Pinto Ribeiro.

HERDADE – Simão Pereira. Iniciada por Urbano de Andrade Reis, que para lá levou animais da Fazenda Pitangueiras, São Vicente de Minas, tendo sido sucedido por seu filho José de Andrade Reis (‘Dié’), que deu notoriedade à linhagem.

ITAMOTINGA – Varginha. Iniciada por João Urbano de Figueiredo. Era dele o garanhão Monte Belo, registrado sob o nº 4 na A.B.C.C.M.M.

PASSA TEMPO – Passa Tempo. Iniciada por Francisco Teodoro de Andrade, em Lauras, que se transferiu para Passa Tempo, onde ganhou notoriedade definitiva sob a administração de seu neto Bolívar de Andrade.

PORTO – São Vicente de Minas. Iniciada por Virgílio de Andrade Reis²⁸.

TABATINGA – Santana do Deserto, mas originada em Cruzília, na Fazenda Cafundó, de onde foi transferida pelo Cel. Severino Junqueira de Andrade, iniciador da atual linhagem, para a Zona da Mata.

Além destas²⁹, há duas linhagens que foram transferidas para outros proprietários:

CAXAMBU – Iniciada por Manoel Teodoro, que a transferiu para ‘Juca’ Leite, que adotou o prefixo Caxambu³⁰.

ÁGUA LIMPA – Cristina. Iniciada por Cornélio Alves Ribeiro, que a transferiu para Rosalbo F. Bortoni, que a continuou com o sufixo R.B.³¹

As linhagens extintas

Cinco criatórios de importância no passado não existem mais; são as chamadas linhagens extintas.

ENGENHO DE SERRA³² – São Vicente de Minas. De grande tradição e notoriedade, tendo influenciado vários criatórios, como Herdade, Porto, J. D. Era de lá, entre outros, o garanhão Abismo, depois registrado como Seta Caxias.

LEME – Carrancas. Iniciada por Estevão Emerenciano de Andrade; nasceu lá o genearca Canaverde.

JUCA CARNEIRO (José Otávio) – Conceição do Rio Verde. De lá saiu para o criatório Passa Tempo o genearca Rio Verde.

CRIMINOSOS³³ – Carmo de Minas. Iniciada por Augusto Junqueira.

SILVESTRE GOIABAL³⁴ – Itajubá/Maria da Fé. Até hoje notam-se influências de seus animais na tropa daquela região.

Calçados nas linhagens de base, de tradição e extintas, hoje se espalham criatórios em todo o país. O Sul de Minas foi o responsável pela criação desses animais, que agora fazem parte de nossa cultura e de nossas tradições. O Núcleo do Sul de Minas dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador está empenhado em fazer reviver esta tradição. (...)³⁵

28 Tropa sempre criada na Fazenda Espírito Santo (São Vicente de Minas, MG), aos pés da centenária capela. (N.A.)

29 Acrescentem-se nesta lista as seguintes linhagens de tradição: Aliança (MG), Gironda (RJ) e IZ Km 47 (RJ). (N.A.)

30 E que depois foi desmembrada também nos criatórios Caxambuense e “Santa Helena”. (N.A.)

31 Com a venda em leilões das matrizes oriundas da Tropa “Água Limpa”, acredita-se que esta linhagem hoje esteja em vias de extinção. (N.A.)

32 Hoje em franco trabalho de recuperação pela Família Campos Meirelles. (N.A.)

33 Hoje em franco trabalho de recuperação pelos descendentes de Joaquim Tibúrcio e Augusto Junqueira. (N.A.)

34 Hoje em franco trabalho de recuperação pelas descendentes de Silvestre Ferraz Junqueira. (N.A.)

35 Conjunto de cartas emitidas pelo Núcleo Sul de Minas do Cavalo Mangalarga Marchador em 1988.

Outro texto magnífico, esquecido nas curvas do tempo e nas prateleiras das bibliotecas rurais, é o que consagra os zootecnistas Thomaz Heath Dalton e Darwin de Rezende Aluim, membros da histórica Inspeção Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal, em Pedro Leopoldo, estado de Minas Gerais (I.R.P.L.), publicado na revista Cavallo Mangalarga, em janeiro de 1939:

“(…) Considerações sobre o Cavallo Mineiro

O Mangalarga

Conta-se que Gabriel Francisco Junqueira, Barão de Alfenas, por ocasião de uma de suas visitas à sede da Capitania, em Ouro Preto, adquiriu um potro nas cercanias de Barbacena, ao qual deu o nome de ‘Mangalarga’, denominação escolhida, em vista do animal assentar os pés posteriores adiante dos rastros dos anteriores, quando em marcha.

Levado para sua fazenda de criar, em Baependy, esse potro deixou grande descendência, constituindo-se de animais que passaram a ser apontados como ‘filhos do Mangalarga’, fixando-se, dessa maneira, a expressão ‘Mangalarga’, através das gerações.

Gabriel Francisco Junqueira, grande amador da equinocultura e conhecedor de bons cavalos, exigente em pontos que considerava de maior importância, em animais para incursões, submeteu o potro ‘Mangalarga’ a uma série de provas, concluindo por reconhecê-lo possuidor de excepcionais qualidades, como estampa, vivacidade, resistência, marcha cômoda, ardência, velocidade. E tanto assim foi que acabou por adquiri-lo pela enorme soma de cem mil-réis (100\$000), quando um boi, na mesma época, custava apenas quatro mil-réis (4\$000).

Do núcleo de Baependy, cuja região representa, ainda hoje, o maior centro criador de animais dessa família em Minas, nas fazendas da Bela Cruz, pertencente ao Sr. Severino Ribeiro de Rezende, neto do Barão de Alfenas, e a quem devemos interessantes informes, nesse particular, do Favacho, do Angahy, da Bella Vista, do Porto, de São José, de Boa Vista, de Engenho de Serra, de Campo Lindo e outras, que se destacam na pecuária de Minas Gerais, bem como da fazenda do Sr. Juca Ferreira Leite, em Caxambu, de diversas propriedades dos municípios de Machado e de Alfenas, especialmente das da Família Souza Moreira, do Dr. Feliciano Vieira e de outros dignos elementos da pecuária de Minas, o cavalo mineiro, já então sob a denominação de Mangalarga, irradiou-se para quase todo sul do estado.

Inuadindo São Paulo, levado pelo ‘Capitão Chico’ (Francisco Marcolino Diniz Junqueira), para Bataias, hoje Orlândia, e São Joaquim, bem como para os municípios de Franca, Ribeirão Preto, etc., dando origem também a uma formação na Zona da Mata em Minas, centralizada no município de Leopoldina.

Na escolha do reprodutor, passaram a ser reclamados os atributos considerados de capital importância, segundo a escola do Barão de Alfenas.

Os animais eram submetidos a provas de longas caminhadas e tal a maneira pela qual se conduzissem, seriam ou não excluídos da função de reprodutores. Foi assim que numerosos cavalos, conhecidos como notáveis reprodutores conservam, ainda hoje, o nome gravado na tradição, através das gerações e no decurso dos anos.

Entre outros feitos de real significação para o cavalo de Minas, conhece-se o fato de o cavalo, de nome ‘Perfeito’, haver coberto a distância de cerca de trezentos quilômetros, em três dias, perfazendo uma média de dezesseis léguas diárias, entre a Fazenda Niagara, localizada em Santa Isabel, no município de Leopoldina, e a Fazenda Bella Vista, em São Vicente Férrer, município de Andrelândia, antigo Turvo. Montado na Fazenda Nyagara, situada na proximidade da estação de S. Isabel, ‘Perfeito’ viu-se logo em boa marcha, pois que o seu amo, o Sr. João Ribeiro Junqueira, depois conhecido por ‘João do Capingal’, alcunha que recebeu devido ao nome de sua fazenda em Silvestre Ferraz, devia casar-se, quatro dias após, na Fazenda Bella Vista, além do povoado de São Vicente Férrer.

Sabe-se que o cavalo atendeu integralmente à exigência, porque o casamento de ‘João do Capingal’ foi levado a efeito na data marcada. Não ficou aí o trabalho de ‘Perfeito’ que, realizadas as cerimônias do enlace, conduziu o noivo até a sua propriedade, situada a cento e trinta quilômetros aproximadamente, em Silvestre Ferraz.

Como esse, muitos outros cavalos se revelaram nas provas a que foram submetidos, sendo ainda lembrados, entre equinos de alto valor, os de nomes: ‘Ramalhete’, ‘Completo’, ‘Bataclan’, ‘Manco’, ‘Escuro’, ‘Vai Vem’, ‘Mangalarga das Três Barras’, ‘Defesa’, ‘Ouro Preto’, ‘Caxias’, ‘Sul de Minas’, ‘Talisman’, ‘Brasil’, ‘Beline’, ‘Campo Alegre’, etc.

A par das qualidades enumeradas, os criadores reclamavam também o estilo de andamento, o que foram procurando fixar.

Assim, o crioulo da família Mangalarga devia apresentar marcha batida, encartada, na qual o levantamento dos membros não podia ir além do suficiente. A locomoção devia ser feita sem aparatos, movimentando os membros para a frente; os pés posteriores deviam tapar os rastros dos anteriores ou ultrapassá-los, no terreno plano ou nas descidas.

Tais requisitos conciliados com os reclamos que presidiram a escolha do ‘Mangalarga’, pelo Barão de Alfenas, fariam do cavalo mineiro dessa família um cavalo perfeito, desde que apresentasse, ao mesmo tempo, vistosa tábua de pescoço, crinas sedosas, fartas e onduladas; cauda igualmente sedosa e ondulada; boa musculatura e grande vigor, mantendo-se, quanto à alçada, a preferência pelos tipos de 1m 45, com o limite máximo em 1m 48, de altura na cernelha.

A fama estabelecida por alguns desses reprodutores, a seleção rigorosa, quanto às características da marcha e da resistência, foram elementos decisivos para a valorização e manutenção dos descendentes de determinados garanhões, que eram utilizados em intensa consanguinidade, formando desse modo os tipos que caracterizaram a criação de algumas famílias sul-mineiras e da Zona da Mata, consolidando os valores do hoje famoso cavalo de marcha batida. (...)”³⁶

36 Thomaz Heath Dalton e Darwin de Rezende Aluim, Cavallo Mangalarga, janeiro de 1939.



OS MAIS
INFLUENTES
GENEARCAS
DO SÉCULO XX



OS MAIS INFLUENTES GENEARCAS DO SÉCULO XX

Identificadas as bases históricas e geográficas em que se assentaram as linhagens da raça, cabe-nos agora mapearmos os mais influentes reprodutores e genearcas do século XX a fim de, então, avançarmos neste estudo³⁷.

Três grandes troncos se ergueram significativamente para consolidar as vastas bases do Real Cavallo Mangalarga Marchador: o de **Fortuna** e seus descendentes, o de **Telegrama** e seus descendentes e o de **Abismo** (ou **Rosilho**) e seus descendentes.

Destes três núcleos, o que incontestavelmente acumulou maior influência na raça ao longo do século XX é o de **Abismo** (ou **Rosilho**), cujo nascimento se deu por volta de 1870 na antiga Fazenda Narciso (Cruzília, MG).

Os diletos criadores Francisco Marcolino e Gilberto Diniz Junqueira, netos de José Francisco Diniz Junqueira e selecionadores da raça Mangalarga em Orlandia, SP, assim definiram o reprodutor Rosilho:

“(...) O último dos grandes chefes de raça primitivos dos Mangalarga foi Rosilho – Abismo, de propriedade de Antonio Gabriel Junqueira, filho do Barão de Alfenas e proprietário da Fazenda Narciso, em Cruzília, MG. Teve diversas filhas, como Máscara, Lynch; mas seus continuadores por linhagem masculina foram: Farol, filho da égua Joia, de propriedade de José Andrade, e principalmente, The Money, pai de outro afamado reprodutor, Bellini. Dessa linhagem descendem a maioria dos representantes da raça de Marchadores Mangalarga. (...)”³⁸

Abismo/Rosilho foi semente original, da qual derivaram os dois principais caules formadores da imensa árvore **Mangalarga Marchador** – o de **Angahy Caxias I** e o de **Bellini JB**.

Méritos e qualificações, sempre observando-se as progênes e as ramificações de criadores que se abasteceram destas genéticas, nos permitiram elaborar a relação abaixo, dignificando os que representam hoje o núcleo de influência majoritária da raça Mangalarga Marchador.

Divididos em três grupos de dez – a que denominamos Raízes (de 1 a 10), das quais derivam os Troncos (de 11 a 20) e, destes, os Ramos (de 21 a 30) –, são eles:

- 1 Angahy Caxias I (1898)
- 2 Bellini JB (1901)
- 3 Angahy Caxias II (1906)
- 4 Apollo “53” (1911)
- 5 Rio Verde (1926)
- 6 Botafogo “53” (1928)
- 7 Predileto Velho da Tabatinga (1932)
- 8 Baluarte do Engenho de Serra (1935)
- 9 Capitel SP (1935)
- 10 Sargento JB (1936)
- 11 Seta Caxias (1939)
- 12 Abaíba Eldorado (1940)
- 13 Traituba Sátyro (1943)
- 14 Herdade Ouro Preto (1943)
- 15 Abaíba Naípe (1948)
- 16 Trevo da Gironda (1954)
- 17 Tabatinga Predileto (1956)
- 18 Herdade Cadillac (1958)
- 19 Sincero JB (1958)
- 20 Zinabre de Passa Tempo (1960)
- 21 Providência Itu (1961)
- 22 Abaíba Marengo (1964)
- 23 Beijo Velho JB (1966)
- 24 Tabatinga Cossaco (1966)
- 25 Herdade Jupia (1968)
- 26 Farrapo Bela Cruz (1972)
- 27 Herdade Capricho (1974)
- 28 Irapuru Bela Cruz (1975)
- 29 Abaíba Gim (1979)
- 30 Malibu da Santa Terezinha (1982)

³⁷ Estes textos têm por objetivo único e singular narrar parte pequena dos grandes reprodutores que contribuíram para a expansão da raça. O fato de se lançarem algumas dúvidas sobre a veracidade dos registros emitidos pela A.B.C.C.M.M. não deve constituir fonte de promoção ou publicidade junto aos criadores envolvidos. Todas as informações contidas foram fornecidas em boa fé por seus criadores, ou atuais proprietários destes animais, formando-se aí a base própria destas linhas.

³⁸ mangalargamangalarga.blogspot.com.